

A literatura de folhetos nordestina e os Usos do Passado Clássico: algumas questões didáticas

Literature of Brazilian-Northeastern booklets and the Uses of the Classical Past: Some Didactic Questions

Airan dos Santos Borges de Oliveira

RESUMO

Este artigo traz para o centro do debate sobre ensino de História Antiga na Educação Básica as contribuições dos estudos dos usos do Mundo Antigo aplicados à literatura de folhetos nordestina. A partir do estudo do folheto “O poder oculto da mulher bonita” (Recife, 1924), do poeta paraibano João Martins de Athayde, refletiremos sobre como o autor convoca personagens da antiguidade clássica para a construção de um perfil ideal de feminilidade que, em sua perspectiva, deveria ser seguido pelo seu público. Colocar-se-á em perspectiva as potencialidades da construção poética para a problematização tanto dos usos do passado clássico quanto para o estudo do horizonte sociocultural do nordeste brasileiro no início do século XX, bem como para a ressignificação do ensino de História Antiga na Educação Básica.

Palavras-chave: Literatura de folhetos nordestina; Estudos de Recepção e Usos do Passado Clássico; Ensino de História Antiga.

ABSTRACT

This article brings to the center of the debate on the teaching of ancient history in Basic Education the contributions of reception studies and uses of the ancient world applied to the literature of Northeastern-Brazilian booklets. From the study of the booklet “O poder oculto da mulher bonita” (The hidden power of the beautiful woman) (Recife, 1924) of the poet João Martins de Athayde, from Paraíba, we will reflect on how the author summons characters from classical antiquity to build an ideal profile of femininity that, in his perspective, should be followed by his audience. The potential of poetic construction for the problematization of both the uses of the classical past and for the study of the sociocultural horizon of northeastern Brazil in the early twentieth century and its contribution to the re-signification of the teaching of Ancient History in Basic Education will be put into perspective.

Keywords: Literature of Brazilian-Northeastern booklets; Studies of Reception and Uses of the Classical Past; Teaching of Ancient History.

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Caicó, RN, Brasil. borgesairan@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0002-5090-9787>>

UMA INTRODUÇÃO NECESSÁRIA

A construção de uma prática pedagógica crítica e atenta às dinâmicas do tempo presente é uma preocupação perseguida por incontáveis docentes diariamente. Não são raros os momentos nos quais as/os docentes (sobretudo as/os que entendem o papel sociopolítico de seu *métier*) se veem na corda bamba entre o ensino de conteúdos e a construção de um ambiente de aprendizagem que faça sentido para as novas gerações. No que se refere ao ensino de História, a esses momentos, podemos acrescentar o compromisso metodológico de não sucumbir ao anacronismo que, no calor da sala de aula, teima em aproximar e sobrepor horizontes históricos distintos.

Nesse pensamento, compreendo que a contribuição das humanidades em geral, e da ciência histórica em particular, na formação das novas gerações estaria (também) no fomento à construção de uma consciência crítica capaz de questionar o mundo que conhecemos. Logo, o trabalho com os documentos, a problematização dos temas transformados conteúdos didáticos, o diálogo com as pesquisas historiográficas se constitui em ferramentas potentes seja para a apresentação de novos espaços, tempos e formas de vida distintos daqueles experimentados pelas turmas, seja para o questionamento do cotidiano das/dos estudantes.

Acompanhados dessas reflexões, neste estudo, a literatura de folhetos nordestina será tomada como campo de investigação, onde analisaremos as apropriações das referências clássicas nos folhetos produzidos pela primeira geração de poetas-cordelistas nordestinos no início do século XX, especialmente entre as décadas de 1900 e 1940. Dada a quantidade de autores que formaram o grupo fundador da literatura de folhetos, nesta empreitada, após uma jornada de estudos introdutórios, o foco analítico será dedicado à trajetória e à obra do poeta João Martins de Athayde. A escolha por este poeta não se justifica somente em virtude do volume de folhetos do autor agrupados ao longo das viagens de campo realizadas por nós nos últimos quatro anos, mas, também, pela documentação secundária mapeada a respeito de sua trajetória biobibliográfica, dentre elas algumas entrevistas concedidas pelo poeta aos periódicos recifenses *Diário de Pernambuco* e *Pequeno Jornal*. Munidos desses *corpora* documentais, o eixo central desta investigação consistirá em compreender não apenas as apropriações da antiguidade clássica operacionalizada

pelo poeta em seus folhetos, mas, também, a importância desses conhecimentos para a sua formação enquanto indivíduo letrado.

Como indicado acima, esta investigação se entrelaça com a trajetória profissional da autora deste estudo. Assim sendo, torna-se necessário um breve recuo, em primeira pessoa, para contextualizar a proposta. O interesse pela literatura de folhetos nasceu em 2017, quando alguns discentes do curso de Licenciatura em História e colegas do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, *campus* CERES, me apresentaram alguns folhetos que integravam o acervo da Cordelteca Poeta Djalma Motta (UFRN-CERES). Entre os romances e desafios que me foram apresentados, um conjunto especial capturou minha atenção: eram folhetos nos quais a mitologia greco-romana, personagens gregas, romanas, egípcias e hebreias compartilhavam os versos com personagens ou o próprio ambiente sertanejo. Após alguns meses de leituras gerais sobre o tema, decidi elaborar o primeiro projeto de pesquisa dedicado a essa temática.

Nessa esteira, o desejo de estudar a vida e a obra de Athayde surgiu em 2018 durante os primeiros contatos com os acervos dedicados à literatura de folhetos sediados em outras universidades potiguares e paraibanas. Naquela época, eu sabia da existência de folhetos que possuíam referências à Antiguidade Clássica, mas não imaginava a profundidade dessa “presença” nos autores da primeira geração de poetas-cordelistas, isto é, dos poetas que contribuíram para a formação e consolidação do gênero literário.

Com a evolução das pesquisas nos acervos, observei que a obra de João Martins de Athayde (em paralelo com a de Leandro Gomes de Barros, Silvino Pirauá de Lima, dentre outros) apresentava um diferencial: as menções ao mundo antigo estavam presentes em folhetos de diferentes tipologias e desempenhavam diferentes funções nas narrativas. Ora identificavam o local onde se passava a trama, ora forneciam os personagens principais ou exemplificam padrões morais que deviam ser seguidos pelo público leitor. Além disso, também constatei que esse tipo de referência não era exclusividade dos folhetos.

Outro tipo de publicação muito popular entre o século XIX e o início do XX eram os almanaques literários. Vendidos nas principais cidades nordestinas, o Almanaque Luso- Brasileiro e o Almanaque Pernambucano, para citar dois exemplos, faziam circular inúmeras passagens de obras clássicas, além do

calendário romano e de curiosidades mitológicas. Frente a isso, compreendemos que a antiguidade clássica, ou um tipo de leitura, de apropriação fragmentada de elementos do que entendemos historicamente como Antiguidade Clássica, circulava no horizonte cultural nordestino, sendo conhecida a ponto de ser usada pelos poetas e editores como elementos para o desenvolvimento das suas narrativas. Não é de se estranhar, então, que a literatura de folhetos – herdeira da cantoria, se aproprie dos temas já popularizados e reconhecidos pelo público (leitor ou ouvinte).

Além das questões apresentadas, no presente estudo, aceitei o desafio que me foi colocado inicialmente pelas turmas dos componentes curriculares dedicados ao Mundo Antigo que ministrei nos últimos anos de docência no Ensino Superior, e que pode ser resumido na seguinte questão: seria possível utilizar a literatura de folhetos, sobretudo aqueles que possuem temáticas contextualizadas ou com referências à Antiguidade Clássica, nas aulas de História da Educação Básica, como se faz com as produções cinematográficas ou os jogos?

Tendo em vista essas ideias, à semelhança de um poeta que, segurando-nos pela mão, aos poucos, nos apresenta seu ver-sejar, organizei essa análise em alguns momentos. No primeiro, a literatura de folhetos nordestina será colocada em perspectiva e servirá de contexto para a apresentação do autor alvo de nosso interesse, João Martins de Athayde. Na seção seguinte, apoiados sobre o *corpus* documental mais amplo do projeto de pesquisa intitulado “*Então vamos discutir ciência!*”: *a Antiguidade Clássica na literatura de folhetos do poeta-cordelista João Martins de Athayde (Paraíba/Pernambuco, 1908-1959)*, será observado o diálogo que o poeta operacionaliza com temas da antiguidade clássica nos folhetos enquadrados por ele como “romances”. Para tanto, o foco da análise será ajustado para o estudo do folheto “O poder oculto da mulher bonita”, publicado em Recife entre 1924 e 1976. O objetivo aqui será observar as apropriações que o autor faz de duas personagens do Mundo Antigo, isto é, Judite e Cleópatra, na construção da sua narrativa poética. Tomando esse percurso como referência, a última parte do texto será dedicada a um exercício reflexivo sobre a contribuição desse tipo de documentação, bem como das discussões que ela suscita, para a urgente tarefa de ressignificar o ensino de história antiga na Educação Básica.

Iniciemos, portanto, nossa jornada.

A LITERATURA DE FOLHETOS EM PERSPECTIVA: UM ESTUDO DE CASO DA OBRA DO POETA JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

A literatura de folhetos nordestina (também reconhecida como literatura de cordéis ou apenas cordéis), tal como conhecemos hoje, é uma criação contextualizada na sociedade sertaneja na virada do século XIX e início do século XX. Diferentemente da literatura de cordel portuguesa, que não possui uniformidade, é possível observar o processo de constituição da forma literária nordestina examinando as sessões de cantoria e os folhetos publicados até a década de 1920, quando as características fundamentais dessa literatura definiram sua forma “canônica” (ABREU, 2006, p. 73).

No estudo do que denominou de “formação da poética nordestina”, Márcia Abreu aponta que a construção do estilo da literatura de folhetos foi iniciada em um contexto sociocultural profundamente marcado por um tipo de poesia oral conhecida como Cantoria. Esses espetáculos poderiam acontecer nas grandes fazendas, a convite dos proprietários locais, em festejos públicos e privados ou, ainda, em residências urbanas, consistindo na recitação de poemas e desafios acompanhados (ou não) de violas. No século XIX, apesar de serem comuns em todo o Brasil, a tradição registra o poeta paraibano natural da Serra do Teixeira, Agostinho Nunes da Costa (1797-1852), como seu fundador.

No final do 800, o universo poético das cantorias começou a ganhar versões impressas, apesar da resistência dos poetas cantadores. Um dos primeiros a enveredar pelos caminhos da impressão dos poemas foi o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros. Em um folheto de 1907 ele afirma que escrevia poemas desde 1889. Vale ressaltar que Barros não figura solitário nessa produção, outros vinte e três poetas o acompanham e começam a publicar suas obras nesse período.

Em síntese, entre o final do século XIX e a década de 1930, a produção dos folhetos no Nordeste já possuía certa uniformidade no que se refere ao processo de composição, edição, comercialização, assim como nas características gráficas e no público consumidor. Como sumariza Ruth Brito Limos Terra (1983, p. 23-24), neste período os folhetos eram impressos em papel pardo, medindo entre 15x17x11cm, apresentando capas ilustradas com vinhetas, além do nome do autor, os títulos dos poemas, o nome da tipografia

impressora e seu endereço. Em alguns casos inclui-se, igualmente, a data da publicação, o preço, a indicação do local de venda (que também pode ser o endereço residencial do autor), anúncios de outros folhetos e avisos aos leitores e revendedores.

Sobre a primeira geração de poetas, é possível identificar uma biografia comum: são indivíduos que nasceram em zonas rurais, filhos de pequenos proprietários ou trabalhadores assalariados; que tiveram pouca ou nenhuma instrução formal, alguns autodidatas e outros que aprenderam a ler com conhecidos ou parentes. Muitos começaram a vida como operários, agricultores, vendedores e, quando conseguem editar e vender folhetos, passam a se dedicar ao trabalho com os folhetos de forma integral, inclusive saindo do campo e indo morar nas grandes cidades ou capitais (como Recife). Suas casas eram os principais pontos de venda, muito embora os livros também pudessem ser encomendados e recebidos pelo correio ou comprados em livrarias.

Paralelamente à venda doméstica, havia o comércio feito em outras cidades, vilarejos e fazendas, realizado pelo próprio autor ou por revendedores autorizados, o que nos indica a existência de um conjunto diversificado de leitores (TERRA, 1983, p. 35-36). Nesse sentido, no que se refere às distinções entre os leitores do campo daqueles da cidade, concordamos com Márcia Abreu ao compreender que

[as] distinções clássicas entre campo e cidade, cultura popular e cultura de elite parecem diluir-se perante os folhetos. No início do século (XX), as diferenças entre o campo e cidade não eram tão marcadas no Nordeste e, embora poetas e leitores pertencessem fundamentalmente às camadas pobres da população, membros da classe econômica também tinham nos folhetos e nas cantorias uma de suas principais fontes de lazer. (ABREU, 2006, p. 95)

De todo modo, no começo do século XX, sem a intermediação da formação escolar formal, da crítica literária, das bibliotecas enquanto espaços de guarda e memória; vê-se a consolidação da literatura de folhetos em meio a um horizonte cultural permeado pela oralidade e com a escrita franqueada a uma pequena parcela da sociedade (ABREU, 2006, p. 95-97). Os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral (como a manutenção dos versos rimados que facilitam a memorização e que eram a principal ferramenta da Cantoria), e boa parte das produções eram ambientadas no cotidiano nordestino.

Uma das especificidades do estudo da constituição da literatura de folhetos nordestina consiste na organicidade de seu desenvolvimento. Como vimos na biografia comum dos chamados “poetas fundadores”, o versejar era aprendido na observação de outros poetas cantadores. Isto é, não havia uma formação institucionalizada do ofício, aprendia-se na observação e na prática. Assim, atribui-se aos primeiros autores, os primeiros “poetas de profissão” nas palavras de Ruth Terra (1983, p. 37), com destaque para Leandro Gomes de Barros (cujos primeiros folhetos datam em 1893), Francisco das Chagas Batista (que começou a publicar em 1902) e João Martins de Athayde (cuja produção sistemática inicia em 1908), a fixação das regras de composição dos folhetos assim como o conhecemos, além da demarcação dos grandes temas, das formas de versificação e edição (ABREU, 2006, p. 89).

Na primeira metade do século XX, a literatura de folhetos chamou a atenção de diversos intelectuais. As primeiras obras que buscavam sistematizá-la foram realizadas por folcloristas e linguistas e tinham como mote de análise compreender a literatura de folhetos como contraponto popular da literatura erudita. A revisão dessa perspectiva se deu a partir das décadas de 1970 (ganhando novos fôlegos nos anos 80 e 90), quando as pesquisas realizadas a partir da Sociologia, Antropologia, Linguística e História passaram a contextualizar a literatura de folhetos no contexto mais amplo do horizonte cultural da sociedade sertaneja, e a considerar a complexa relação entre a difusão das práticas de letramento e a permanência da oralidade em sua estruturação.

Dialogando com os estudos de Abreu e Terra, compreendo que o estudo da literatura de folhetos deve ir além da análise dos textos em si e considerar, também, as particularidades do público consumidor, a identificação da rede de produção e circulação das obras, além da trajetória dos poetas. Sobre este último ponto, as entrevistas concedidas pelos autores aos periódicos de suas épocas se tornam valiosas fontes de informação. Exemplos disso são as duas entrevistas concedidas pelo poeta João Martins de Athayde na década de 1940: uma ao jornalista Paulo Pedroza do *Diário de Pernambuco*, publicada em 16 de janeiro de 1944 sob o título “*Cangaceiros e Valentões*”; e outra intitulada “*Manezinho Araújo plagiou João Martins de Ataíde*”, concedida ao jornalista Joel Pontes do *Pequeno Jornal* e publicada em 04 de outubro de 1947. Uma terceira, realizada pelo jornalista Orígenes Lessa, em 09 de outubro de

1954 e publicada no livro *A voz dos poetas* em 1984, completa o conjunto. Ao comentar sua origem, a entrada no universo do letramento, bem como seu processo formativo como poeta, as respostas de Athayde às perguntas dos jornalistas contribuem de forma ímpar para a compreensão do seu perfil biográfico. Sigamos nessa direção.

Nas três entrevistas citadas, Athayde demarca a forma como quer ser definido e apresentado ao público leitor dos periódicos. Em 1944, para o jornalista Paulo Pedroza, solicita, em tom exigente, que não fosse representado como um “*cantador de viola, desses que vivem tomando cachaça e cantando pelas feiras [...], como um analfabeto e cantador*” (*Diário de Pernambuco*, 1944, edição 00013, p. 1). Já em 1947, de modo gentil e insurgente, Joel Pontes apresenta a sua versão do poeta:

J. M. é baixo, atarracado, tem um bigodinho triangular bem preto, reclama da falta de tempo, mas fala à vontade e gosta mesmo de conversar. E que conversa saborosa! Passa de um assunto para outro com a maior facilidade deste mundo, e vendo-o, conversando-se com ele como eu conversei é que se percebe quanta razão tinha Mario de Andrade ao dizer que ele é o maior poeta do Brasil. (*Pequeno Jornal*, 1947, edição 00227, p. 2)

Por fim, cinco anos antes de seu falecimento, em 1954, a Orígenes Lessa o poeta resume: “sou *um analfabeto que sempre viveu das letras [...]* Cheguei a ter algum recurso, mas tudo saído das letras” (LESSA, 1984, p. 6).

A trajetória de vida que conhecemos de Athayde vem das palavras do próprio poeta: nasceu em Cachoeira de Cebolas, povoado no município de Ingá do Bacamarte, na Paraíba, em 23 de junho de 1880, onde permaneceu até os 17 anos. Aos 8 anos viu o primeiro cantador, Pedra Azul, famoso em sua redondeza. Para Pedroza, destacou que o pai não o colocou na escola, assim, o que aprendeu de leitura o fez por sua conta, “*pela sua força de vontade*”.

Em 1898, fugindo da seca, partiu para Camaragibe, passando para Paulista e, por fim, foi morar em Recife. A publicação dos folhetos começou em 1908 e em 1909 montou sua primeira tipografia. Assim, nas palavras do autor, “*de lá pra cá*” (1944), passou a viver disso, fazendo os “*livros para ganhar dinheiro, se bem que neles eu ponha um fim moral*” (*Diário de Pernambuco*, 1944, edição 00013, p. 7, grifo nosso).

A trajetória de Athayde é marcada, ainda, pela compra dos direitos de

edição das obras de Leandro Gomes de Barros em 1921. Após isso, o poeta passou a publicar as obras de Barros como sendo de sua autoria, sendo alvo de diversas críticas por parte de outros poetas e do público. Ainda na entrevista dada a Pedroza, o poeta dá a sua versão sobre este assunto:

É certo que publiquei vários livros de Leandro com meu nome. Mas, não vá pensar que fiz isso me valendo da “ciência de Leandro». Fiz isso somente para evitar que os falsificadores viessem se apossar dos meus direitos. Quando Leandro morreu, adquirei seus direitos autorais. E passei a publicar seus livros com o nome dele, mas apareceram os falsificadores e fui obrigado a usar o meu nome em todas as publicações. Até no Pará já falsificaram coisa minha. [...] Vou lhe repetir o que disse no começo: faço comércio. Mas, breve, para evitar essa chicana de se dizer que eu tomei os livros de Leandro, só publicarei mesmo as minhas histórias. (PEDROZA, 1944, p. 2)

Concordamos com Ruth Terra (1983, p. 48) na compreensão de que as acusações de plágio de que foi alvo não fazem jus à importância do poeta enquanto editor de folhetos. Como bem delineado por Márcia Abreu, nas duas primeiras décadas do século XX, Athayde foi o responsável pelo estabelecimento de uma linha editorial para a publicação dos folhetos. Foi ele quem vinculou a criação poética a um número determinado de páginas, sempre múltiplo de quatro, o que atendia a demandas tipográficas e econômicas (uma vez que os folhetos eram impressos em folhas de papel jornal dobradas ao meio duas vezes). Deste modo, se conseguia brochuras de 8, 16, 24 e 32 páginas o que viabilizou a publicação de uma única história por folheto - que poderia continuar em vários volumes (ABREU, 2006, p. 104).

Ao longo de sua carreira, Athayde publicou inúmeras pelejas e romances, sendo aclamado nos anos 1940 como o maior poeta popular do Nordeste, elogiado por Tristão de Athayde e Mário de Andrade. Todavia, em 1949, um derrame cerebral fez com que ele parasse de editar seus folhetos e vendesse os direitos de publicação de suas obras para o, também poeta, José Bernardo da Silva.

Dez anos depois, em 7 de agosto de 1959, Athayde faleceu em Limoeiro, Pernambuco, onde viveu os últimos anos de vida. Muito embora haja dúvidas sobre a autoria dos cordéis publicados por ele após 1921 (se eram de autoria dele ou de Leandro Gomes de Barros), sua contribuição para a definição do

formato editorial dos folhetos (tal como conhecemos hoje), e para a consolidação do gênero literário é, portanto, inegável.

O LUGAR DOS CLÁSSICOS NO VERSEJAR DE ATHAYDE: O CASO DO FOLHETO “O PODER OCULTO DA MULHER BONITA”

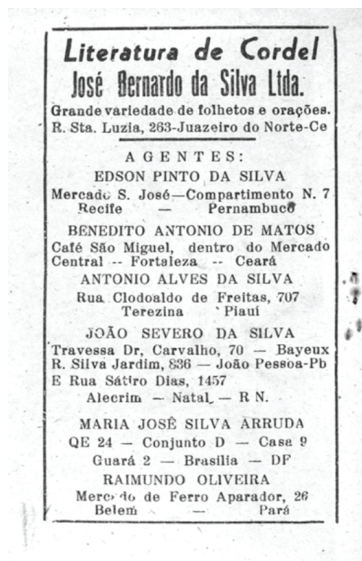
Na entrevista a Pedroza, vimos que, na construção de sua identidade autoral, nosso poeta paraibano escolhe como quer ser representado: como um poeta-autor, artífice da arte do versejar, um amante das letras. De fato, essa não foi a primeira ocasião em que Athayde reforçou sua identidade letrada. Em 1941, igualmente em Recife, exatos três anos antes da publicação da entrevista supracitada, o poeta publicou a peleja entre os cantadores Manoel Raymundo e Manoel Campina. No duelo das letras perpetrado, venceu o mais velho e mais sábio, aquele que não apenas foi mais ágil na construção das rimas, mas que também soube “discutir ciência”. Para nossa surpresa e deleite, a “ciência” na qual se referiu Athayde consistia no conhecimento da mitologia clássica e na citação de vários deuses greco-romanos no clímax do duelo. Desse modo, na visão de Athayde, sábio é o cantador que convocou os deuses do Olimpo e os transformou em espectadores de sua apoteose poética (OLIVEIRA, 2020, p. 150-159). Nessa peleja imaginária, é possível entender que sábio seria, portanto, o próprio Athayde, que demonstrou sua sapiência na sustentação do mote e na regência do embate.

Foi ao longo do mapeamento documental realizado durante o estudo da supracitada peleja que me deparei com o folheto “*O poder oculto da mulher bonita*”. Durante a investigação, foram encontradas cinco edições do mesmo no Acervo de Obras Raras da Biblioteca Átila Almeida - UEPB, a saber: duas publicadas em Recife-PE em 1924 e 1944, pelo próprio poeta, e duas publicadas em Juazeiro do Norte-Ceará em 1957 e 1976, quando os direitos de publicação já estavam em posse de José Bernardo da Silva; além de uma sem indicação do local e da data de publicação. Já na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB-RJ) e no Laboratório de Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Paraíba (LAEL-UFPB), foi encontrada uma edição publicada em Recife-PE, em 1957, e exemplares daquela publicada em Juazeiro do Norte-CE, em 1976. Já no primeiro contato com essas edições, foi possível identificar a se-

guinte estrutura: uma narrativa poética composta por 46 estrofes, distribuídas em 15 páginas, ao que se soma a capa e a contracapa.

Na edição de 1976, reproduzida a seguir, vê-se, na parte superior da capa, o nome do poeta em caixa alta, seguido do nome do proprietário dos direitos de publicação. Após essa informação, registra-se o título da história que o leitor encontrará no folheto acompanhada de uma fotografia que já daria pistas do mote da narrativa aos leitores analfabetos ou semiletrados, isto é: a representação de uma mulher elegantemente vestida, portanto adereço na cabeça, com um olhar sereno e gentil (seria um espelho da *mulher bonita?*). Já na contracapa registram-se os dados da “empresa” proprietária dos direitos, com o destaque para seu endereço e a lista dos agentes autorizados para a revenda nos estados de Pernambuco, Ceará, Piauí, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pará, além do Distrito Federal.

Imagens 1 e 2 - Capa e contracapa da edição de 1976 do folheto “O poder oculto [...]”



Fonte da edição fotografada: Fundação Casa de Rui Barbosa, Acervo Digital (código da edição no acervo: LC0540).

Logo nos primeiros versos do folheto, Athayde alerta que suas palavras se dirigem aos homens, em primeiro lugar, e a *todo irracional ou gente* de forma geral. Além disso, apresenta o mote de seus versos: ele cantará, de forma dramática e elogiosa, sobre a mulher e seu poder oculto (quase visceral). Vejamos:

01

Quem lê este meu livrinho
tem de prestar-lhe atenção
sendo homem intransigente
muda de opinião
seja moderno ou antigo
tem de assinar o que eu digo
que ele queira quer não

02

Não esmoreça na leitura, siga
depois me diga se não acredita
curva-se o mundo recebendo insulto
do poder oculto da mulher bonita

03

Falo com todo irracional ou gente
todo vivente que no mundo habita
tudo se curva e rende homenagem
a querida imagem da mulher bonita

04

O homem bravo como bruto fera
não considera se se precipita
torna-se manso mais que um cordeiro
com o olhar fagueiro da mulher bonita

05

Fraco rapaz que gosta de moça
não tem a força que tem um catita
suspende um peso tão demasiado
por ser namorado da mulher bonita

Apresentado o intento dos versos, Athayde dá início à definição das características que definem a mulher bonita: ela enfeitiça com o olhar, é linda quando conversa, é bonita no andar, mata à primeira vista quando promete amar. Tem

o poder de, com um apertar de mãos, convencer o homem mais avarento a dar-lhe tudo o que tem. Seja na igreja (espaço público) ou nas festas em casa (espaços privados), com sua simpatia e beleza espalha sorrisos por onde passa. Aos leitores que duvidam de suas palavras, na estrofe 6, o poeta faz um alerta:

Todos tem livre vontade
cada um diz o que quer
estou pronto pra discutir
com aquele que me trouxe
um primeiro sem segundo
ou um lugar bom no mundo
que não exista mulher

O que complementa na estrofe 29:

Se aparecer quem pretenda
contradizer a verdade
trazendo como exemplo
mulher da antiguidade
eu mostro os erros que deram
e os crimes que fizeram
protegendo a humanidade

Como vemos, na apresentação proposta, Athayde lança mão de um desafio ao leitor: caso alguém duvide, ou queira “*contradizer a verdade/ trazendo com exemplo/ mulher da antiguidade*”, ele está pronto para apresentar a argumentação que fundamenta sua tese, uma vez que ele é sábio e não só indicará “*os erros que [as mulheres] deram*”, mas também “*os crimes que [elas] fizeram*” e, ainda, explicará a razão: estavam “*protegendo a humanidade*”. Nesse sentido, entre as estrofes 30 e 41 o poeta apresenta dois exemplos de *mulheres da antiguidade*, que demonstram a coragem, valentia e entrega sacrificial representativa das mulheres que, em sua perspectiva, poderiam ser consideradas *bonitas*: Judith e Cleópatra.

No arranjo dos versos, observamos que Athayde usa uma mesma estrutura para apresentar os exemplos de ambas as personagens: **(I)** inicia com

uma síntese do evento exemplar que também serve como uma contextualização histórica da trajetória da personagem (com a localização e a identificação dos personagens centrais, apresentação do clímax ou a ação heroica e seu desfecho memorável), finalizando com a justificativa para as ações perpetradas; nesse entremeio, (II) indica os atributos físicos, psicológicos e atitudinais que potencializam o caráter exemplar da personagem.

Essa estrutura norteou a organização de uma ficha de leitura que serviu para a sistematização da análise da narrativa, sendo elaborada a partir das seguintes seções: na primeira (I), intitulada *Dados Gerais*, inserimos as informações que contribuem para a contextualização histórica da narrativa, a saber: a localização geográfica e histórica do evento; a identificação das personagens históricas; a síntese do enredo e a justificativa da ação heroica que dá a tônica moralizante da sequência poética e, por fim, o seu desfecho memorável, isto é, não apenas o encerramento do evento mas, também, o reforço do caráter exemplar que alça a personagem central às páginas da história como uma heroína.

Por sua vez, a segunda seção (II) é dedicada aos *Atributos exemplares da personagem*, subdivididos em três tipos, a saber: *físicos* (entendidos como os adjetivos que a descrevem fisicamente), *psicológicos* (referentes às qualificações usadas para definir o perfil emocional da personagem) e *atitudinais* (usados para descrever as ações da personagem frente ao evento que ela vivência e que individualiza sua ação heroica). Em nossa análise entendemos que Athayde reúne esses atributos e os apresenta para o público leitor como as bases do *poder oculto da mulher bonita*. Esse poder iria, portanto, além da beleza física e se materializa nas ações e na personalidade aguerrida e sacrificial desse “tipo ideal” de mulher.

Vejamos, pois, a transcrição dos versos e a referida ficha de leitura que sistematizamos para as personagens:

A. Personagem 1 – JUDITH: transcrição das estrofes

30

Na cidade de Betunia

No reino da Palestina

Judith matou Holofernes

*mas não fez como Agripina
Judith alcançou vitória
está nas páginas da História
com o nome de heroína*

31

*Judith só fez essa morte
é porque foi obrigada
vendo Zabulon sujeita
e Betulia sitiada
Judith como era forte
deixou com aquela morte
sua tribo descansada*

32

*Judith foi no seu tempo
um encanto de beleza
era mulher geniosa
tinha forte natureza
seu crime foi perdoado
não há quem seja atacado
que não procure defesa*

B. Ficha de leitura

I. Dados Gerais

Localização do evento: cidade de Betúnia, no reino da Palestina.

Personagens centrais: Judith, Holofernes, Tribo.

Síntese da ação heroica e Justificativa: Ao ver que sua cidade estava sitiada, e a cidade de Zabulon estava sujeita, Judith se viu obrigada a usar a sua força, genialidade e beleza para defender a cidade e matar o opressor, Holofernes.

Desfecho memorável: Foi perdoada, já que ela apenas defendeu sua tribo de um ataque inicial. Pelas suas ações, entrou nas páginas da História com o nome de heroína

II. Atributos exemplares da personagem

Físicos: Bela, forte - **Psicológicos:** Geniosa - **Atitudinais:** Viu uma situação grave/ limite e não se acovardou (não fez como Agripina).

A. Personagem 2 – CLEÓPATRA: transcrição das estrofes

33

É raro vê-se mulher
que tenha gênio assassino
Cleópatra fez tudo aquilo
levada pelo destino
no mundo antigo ou moderno
deixou um exemplo eterno
para o sexo feminino

34

Cleópatra foi rainha
do Egito antigamente
banida pelos romanos
lutou com a sua gente
mulher valente e guerreira
quando faziam fileira
ela seguia na frente

35

Passando assim por muito tempo
naquela questão renhida
ela defendia o povo
arriscando a própria vida
arruinou-se os movimentos
faltando os elementos
terminou sendo vencida

36

Sendo a rainha vencida
no correr daquele ano
chegou uma intimação
por ordem do soberano
onde havia de ser julgada
e depois sentenciada
pelo tribunal romano

37

*Ela consultou primeiro
pra ver o que fazia
em Roma naquele tempo
matavam por fantasia
depois dela ter pensado
manda ela então um recado
dizendo: que lá não ia*

38

*Conhecendo ela estava
de todo jeito perdida
pelo império romano
havia ser perseguida
nas mãos dum povo malvado
se obedecesse o chamado
tinha que perder a vida*

39

*Cleópatra destinou-se
pediu a seu intendente
uma cobra venenosa
que matasse de repente
pois não queria viver
tinha gosto de morrer
mordida de uma serpente*

40

*ele foi buscar a cobra
fazendo o pedido seu
ela recebe a serpente
deu-lhe o braço ela mordeu
ficou no mesmo instante
Cleópatra agonizante
no outro dia morreu*

41

*E' este o melhor exemplo
que vos pode oferecer
ao sexo feminino
pra quem quiser conhecer
o nome que o povo adora
teve na última hora
coragem até pra morrer*

B. Ficha de leitura

I. Dados Gerais

Localização: Egito antigo

Personagens centrais: Cleópatra, Romanos, Império Romano, Povo do Egito

Síntese da ação heroica e Justificativa: A rainha se uniu ao seu povo e lutou contra um inimigo externo, os romanos (Império Romano). Cleópatra não tinha um gênio assassino, foi levada pelo destino. Contudo, ela e seu povo acabaram vencidos pelos romanos, o que fez com que ela fosse condenada pelos tribunais romanos. Para não sucumbir nas mãos do inimigo, Cleópatra se suicida com o veneno de uma cobra.

Desfecho memorável: Mesmo morta, Cleópatra deixa um exemplo eterno para o público feminino: o de uma mulher corajosa o suficiente para tirar a própria vida por amor e devoção aos seus.

II. Atributos exemplares da personagem

Físicos: não há - **Psicológicos:** Corajosa - **Atitudinais:** Valente e Guerreira

Ao analisar o texto poético, é possível notar uma discrepância no número de estrofes que Athayde dedica à apresentação de cada exemplo, a ver, três para Judith e nove para Cleópatra. Não é possível (nem é esse o nosso interesse) conjecturar sobre os motivos que levaram o poeta a essa escolha, contudo, quando ampliamos nosso olhar e consideramos as estratégias de seleção temática, do arranjo dos versos (em relação à métrica e rima) que fazem parte da redação de um folheto, uma das hipóteses explicativas para a diferença no espaço dedicado a cada personagem pode ser a popularidade do tema para ao público leitor. Se a temática (a personagem, o ambiente ou o contexto geral da narrativa etc.) for conhecida pelo público, o poeta toma a liberdade de selecionar ou omitir dados e, ainda, apresentar a sua versão dos acontecimentos.

No caso do folheto em estudos, temos duas situações emblemáticas, iniciemos pelo exemplo de Judite. A heroína é uma personagem que figura no imaginário católico, cujo nome dá título a um dos livros deuterocanônicos que integram a Bíblia nessa vertente cristã. Datado aproximadamente entre 134-76 A.E.C., o texto apócrifo do Antigo Testamento foi escrito em grego *koiné* e possui dezesseis capítulos, todavia, a história de Judite começa apenas a partir do oitavo. O texto narra uma vitória dos judeus contra seus inimigos, que, no caso, era o exército assírio comandado por Holofernes, general do rei Nabucodonosor II (605-562 A.E.C.), graças à intervenção de uma mulher.

Na primeira parte, isto é, dos capítulos 1 ao 7, tem-se história dos motivos que levaram Nabucodonosor a convocar o seu general para punir os povos que não tinham oferecido ajuda militar ao rei. Enquanto nos capítulos 8 ao 16, encontramos a narrativa de como Judite seduziu e decepcionou a cabeça de Holofernes. Pela forma como a história é narrada, esse segundo momento do texto é caracterizado pela bibliografia especializada como uma novela de ficção histórica (PASSUELLO, 2021, p. 22). Ao observarmos o texto canônico, constatamos que Athayde se apropria da história bíblica com alguma verossimilhança provavelmente porque a narrativa já seria de conhecimento do público leitor, contextualizado em uma sociedade majoritariamente cristã-católica como a nordestina no início do século XX. Nessa lógica, mencionar Judite como um exemplo de devoção e piedade a ser seguido não causaria estranheza.

À vista disso, quando nos dirigimos ao exemplo de Cleópatra, essa estrutura de análise seria válida? Em um primeiro momento, a forma detalhada escolhida pelo poeta para a apresentação da sua versão da história da governante egípcia nos leva a uma resposta negativa. Diferente de Judite, Cleópatra não figura no imaginário cristão. De acordo com a descrição feita pelo poeta, identificamos a personagem como rainha do Egito Ptolomaico, Cleópatra VII Filopator (69 A.E.C.-30 E.C.).

No entanto, a versão dos acontecimentos que marcaram a relação entre a governante e os romanos apresentada por Athayde se distancia dos dados históricos que conhecemos através da literatura clássica, especialmente na narrativa de Plutarco (46-126 E.C.). em *Vida de Antônio* (que integra a coletânea *Vidas Paralelas ou Vida de Homens Ilustres*, ou ainda, *Vitae*); datada aproximadamente entre 100 e 115 E.C. (MELLO, 2019, p. 115); e na *A vida dos Doze Césares*, de Suetônio (69-141 E.C.). Se na documentação clássica, a biografia

da governante é apresentada a partir da biografia de Júlio César e de Marco Antônio, na versão proposta pelo poeta essa informação não é mencionada.

No folheto vemos, pois, que a apresentação do exemplo de Cleópatra é iniciada com uma referência para o leitor que não conhece a história: trata-se de uma rainha do Egito antigo que foi banida pelos romanos e, diante da ameaça latente ao seu povo, foi levada pelo destino, não titubeou na resposta e pôs-se à frente da batalha para defender “*a sua gente*”.

O tempo da narrativa de tipo histórico criado por Athayde é linear: a luta dura muito tempo (que o poeta não precisa o quanto), até que se vê o esgotamento das frentes de batalha e, no mesmo ano, o reino recebe a ordem de sujeição ao poder romano. Sobre este evento, o poeta indica que um percurso legal deveria ser seguido: Cleópatra é intimada a comparecer em Roma por ordem do soberano romano, onde seria julgada e sentenciada pelo tribunal da cidade.

A soberana descrita por Athayde não é apenas *valente e guerreira*, ao receber a ordem do vencedor, ela resiste e não age prontamente. Sabendo que no Império Romano *matavam por fantasia* e que lá *o povo era malvado*, Cleópatra pensa em uma saída honrosa, já que não se entregaria, e acaba por escolher a morte por uma picada de serpente. Este ato sacrificial eleva, assim, o trecho biográfico apresentado ao patamar de *o melhor exemplo* a ser oferecido ao sexo feminino (o qual todos devem conhecer): a *mulher bonita* age como Cleópatra e tem coragem até para tirar sua própria vida.

Ao sintetizar a história, nosso poeta também molda os acontecimentos de forma que as informações se adequem melhor ao seu esquema narrativo. Destaca-se, ainda, que ele não vê necessidade de apresentar as fontes das informações históricas que lhe serviram de referência. Em sua composição poética, os episódios contextualizados na Antiguidade assumem a forma de um patrimônio cultural compartilhado e, por isso, maleável o suficiente para se ajustar e servir de reforço moral para o modelo de feminilidade defendido pelo autor.

Contudo, nos resta, ainda, uma questão fundamental: por que Athayde entende a mulher desta forma? Inicialmente, é preciso registrar que o poeta paraibano não é uma exceção. Na produção da primeira geração dos poetas cordelistas, entre os anos de 1900 e 1930, aqui fazemos referência às obras dos poetas Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde (para citar alguns casos), é possível identificar uma representação dicotômica da figura feminina, na qual as mulheres sempre estão em uma po-

sição antagonica à do homem, mesmo quando retratada positivamente. Ao estudar as formas como as mulheres aparecem no imaginário dos poetas da primeira República, Letícia Fernanda Oliveira (2017) destaca que ora as mulheres figuram como mártires (que emanam exemplos que devem ser seguidos, louvados e eternizados), ora como meretrizes (cujo comportamento, ao destoar do modelo positivado, é considerado desviante e satiricamente alvejado).

Ao longo de sua análise, Oliveira dialoga com os estudos de Durval Albuquerque Júnior (1999, 2003, 2011) e contextualiza essa dicotomia na sociedade de tipo patriarcal nordestina (identificada desde a formação do Nordeste enquanto região). Nesta, o ser masculino é visto como o elemento definidor da identidade regional, sendo tomado como regra, mais acabado representante do gênero humano e verdadeiro agente histórico. Por outro lado, para a mulher restaria o papel da procriação, como aquela que carrega a semente da vida, que é educada para, e de quem se espera, a submissão e reclusão familiar. Seguindo essa esteira, a emancipação feminina seria algo perigoso e imoral, uma vez que tiraria a mulher de seu papel primordial (OLIVEIRA, 2017, p. 14-15; p. 36-40 e p. 41-43).

Voltando a análise da narrativa poética de Athayde, e tomando o horizonte apresentado acima como referência, não podemos olvidar que o poeta recorre a um imaginário e a sistemas simbólicos comuns ao horizonte sociocultural que está imerso, os utilizando como um jogo de símbolos para inventar suas histórias. Rememorando a entrevista concedida a Pedroza veremos que o próprio poeta nos alerta que, desde que começou a publicar, em 1908, até 1944, a data da entrevista, ele fazia os *livros* para ganhar dinheiro, muito embora registrasse neles – também, um *fim moral* (PEDROZA, 1944, p. 7). Essa moralidade referenciada pelo poeta pode ser interpretada como o universo social e simbólico que chamamos de cultura nordestina do início do século XX, cujas narrativas poéticas buscam sintetizar (CAVIGNAC, 2006, p. 70).

Na leitura que desenvolvemos até aqui, queremos deixar claro que não é possível interpretar a narrativa do poeta de modo deslocado do horizonte histórico que o contextualiza, o que não significa que não possamos problematizá-la. Quando tomamos a literatura de folhetos como documento histórico, entendemos que o questionamento das representações sociais retratadas pelos poetas deve ser alvo de investigações profundas a nível acadêmico (suscitando novas investigações), mas não apenas isso, a partir delas podemos fo-

mentar novas ferramentas para o ensino de História. É com essa reflexão que desejamos concluir o presente estudo.

PROBLEMATIZANDO AS *MULHERES BONITAS* DE ATHAYDE:
ALGUMAS QUESTÕES PARA DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA
DE FOLHETOS E A ANTIGUIDADE CLÁSSICA NO ENSINO
DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A breve jornada pela literatura de folhetos e o preciso mergulho na obra do poeta João Martins de Athayde que realizamos, até aqui, foram fundamentais para o desafio que enfrentamos agora, a saber, o de refletir sobre as potencialidades da literatura de folhetos nordestina para a formulação de novas estratégias para o ensino de História Antiga na Educação Básica (e, por que não, para o desenvolvimento de outras linhas de pesquisa no Ensino Superior).

Talvez, o percurso introdutório desenvolvido nesta ocasião tenha sido necessário em virtude das especificidades acadêmicas da autora deste estudo: enquanto integrante de uma geração de jovens historiadoras classicistas da região sudeste do Brasil formada entre os anos de 2003 e 2016, meu contato mais íntimo com a literatura de folhetos aconteceu de forma tardia, apenas quando assumi a vaga de docente de História Antiga em uma instituição de Ensino Superior Federal localizada na região Nordeste, em 2017. Antes disso, embora estivesse ciente da importância dos estudos de recepção e usos do passado clássico, os meus interesses de pesquisa gravitavam em torno de uma antiguidade clássica eurocêntrica – ainda que de forma crítica e problematizadora.

De modo radicalmente distinto, a comunidade discente que me acolheu como docente conviveu com a literatura de folhetos desde a mais tenra idade, não sendo raras as memórias dos festejos familiares e públicos nos quais os avós ou demais familiares e conhecidos recitavam as histórias clássicas dos folhetos – muitas vezes usando como recurso a própria memória. Enquanto uma tradição centenária, antes de figurar como ferramenta didática ou objeto de estudos, a literatura de folhetos já ocupava um espaço afetivo na vida daquelas pessoas.

Por outro lado, no repositório de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação vinculada ao Ministério da Educação no Brasil, são incontáveis os trabalhos dedicados à

investigação das potencialidades didáticas desse tipo de literatura nas mais variadas áreas de saber¹. Todavia, no que se refere ao ensino de História Antiga, não encontramos registros de trabalhos dedicados ao tema (o que aponta para uma oportuna janela de possibilidades para o desenvolvimento de novos projetos de pesquisa).

Dentre os Estudos Clássicos, especificamente, o campo de pesquisas dedicado aos estudos de recepção, sobretudo nos contornos definidos por Charles Martindale e Richard F. Thomas (2006), fornecem um arcabouço teórico-metodológico fértil para as investigações que se dedicam à presença de referências ao Mundo Antigo na literatura de folhetos. Isto porque o conceito de recepção empregado pelos autores ajuda a contestar a ideia de um passado clássico fixado no tempo, cujos limites podem ser demonstrados, e cuja natureza essencial podemos entender em seus próprios termos. Ou seja, nessa linha, os estudos envolvem o reconhecimento de que o passado e o presente estão sempre implicados um no outro (MARTINDALE, 2006, p. 12).

Considerando essas reflexões, podemos partir da compreensão do termo (conceito) “usos do passado” como uma forma de recepção que se caracteriza pela mobilização/reutilização do passado de forma pragmática e instrumental. Como indicam Glaydson José da Silva, Pedro Paulo Funari e Renata Senna Garraffoni (2020), em concordância com Göran Karlsson (2011), no estudo da reutilização do passado clássico em contextos posteriores, o conceito de “usos do passado” dá ênfase à mobilização e reutilização das referências seja em caráter científico-acadêmico, existencial, moral, ideológico e político pedagógico como um processo sempre mediado pela cultura. Desta feita, o foco estaria no significado do uso do passado a partir do presente, naquilo que é acrescido ou suprimido, na forma como essa agência atua para a criação e consumo de uma narrativa que, inspirada no passado, é criada no presente e estabelece expectativas para o futuro (SILVA et al., 2020, p. 45). Quando aplicamos essas reflexões ao estudo das apropriações das referências da história antiga encontradas no caso do folheto de Athayde, vemos que o diálogo operacionalizado pelo poeta se aproxima dessas definições do conceito de *usos do passado*.

Na qualidade de documento histórico viável aos estudos da Antiguidade, a literatura de folhetos pode, então, nortear diferentes frentes de pesquisas. Aqui, indicamos algumas: (a) a investigação da circulação dos temas clássicos no horizonte sertanejo da virada do século XIX para o XX; (b) a problemati-

zação de seu uso como representante de uma história exemplar, do tipo *magistra vitae*, que alimenta modelos de comportamento entendidos como *padrões ideais* a serem seguidos por uma comunidade (como a sociedade patriarcal nordestina do início do século XX).

Além dessas questões, a construção poética realizada por Athayde pode, especialmente, ser analisada a partir dos estudos de gênero e servir de fonte para a problematização de um modelo/retrato de mulher que veio ao mundo para servir de exemplo de virtude, resignação e sacrifício ao homem (CURRAN, 2011, p. 83). Um padrão ideal de mulher valorosa que, sob o falso manto de apreciação e valorização masculina, oculta o obscurantismo das relações patriarcais que relega às mulheres um lugar de subserviência e abnegação.

No contexto da sala de aula, as reflexões instigadas pelo folheto podem servir de base para um debate pertinente (e urgente), sintetizado pela seguinte questão-problema: face às representações femininas construídas e reforçadas por uma literatura de folhetos produzida majoritariamente por homens, seria possível traçar um panorama do papel social das mulheres na sociedade recifense do início do século XX? A partir dos estudos, é possível identificar as *Judites* e *Cleópatras* de Athayde ou os dados encontrados nos colocam frente a múltiplas formas de ser mulher? Nesta perspectiva, aquele ensino de história baseado nos grandes eventos, a história de *reis e batalhas*, centrada numa perspectiva linear e cronológica dos grandes acontecimentos é trocada por uma prática pedagógica ressignificada, reorientada a partir de questões que nascem no tempo presente, no calor e nas especificidades da vida real, e que servem como ponte para o desenvolvimento de pesquisas e debates no ambiente escolar.

Como vimos neste trabalho, as referências à História Antiga podem atuar como espaços para diversas discussões que dialoguem com os contextos regionais de um Brasil rico e diverso, contribuindo, assim, de forma significativa para a construção de uma mentalidade crítica nas novas gerações.

REFERÊNCIAS

Documentação Textual

- ATHAYDE, João Martins de. *O poder oculto da mulher bonita*. Recife, 1976.
- BÍBLIA de Jerusalém. 7ª impressão da tradução da edição de 1998 em língua francesa publicada pela Les Éditions Du Cerf, Paris. São Paulo: Editora Paulus, 2011.
- PEDROZA, Paulo. Cangaceiros e Valentões: um poeta popular conta sua história ao repórter - infância e adolescência em cachoeiras - ‘nunca mais me esqueci Pedra Azul’ - o povo prefere os romances - desafios imaginários - Leandro Gomes de Barros e o ‘Boi misterioso’ - Um guia do Recife. *Diário de Pernambuco*. Edição n. 00013. Recife, s/e, 1944, p. 3-7. Disponível em” http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_12&pagfis=14318. Acesso em: 08 set. 2022.
- PONTES, Joel. Manezinho Araújo plagiou João Martins de Ataíde: Canção de fogo e a donzela Teodora - Folhetos para Salvador - Manezinho está se aproveitando - Vai à mesa do teatro do estudante. *Pequeno Jornal*. Edição n. 00227, p. 1-2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=800643&pagfis=77508>. Acesso em: 09 set. 2022.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Marcia. *História de Cordéis e Folhetos*. 2ª reimpressão. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 1ª Edição. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 1999.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino*. Maceió: Catavento, 2003.
- CAVIGNAC, Jolie. *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*. 1ª Edição. Natal: EDUFRN, 2006.
- CURRAN, Mark. *Retrato do Brasil em Cordel*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- D’OLIVO, Fernanda Moraes. Processo de subjetivação do cordelista: o poeta de cordel. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, IV, 2009, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. *Anais do IV Congresso da ABRALIN*. João Pessoa: s/e, 2009. p.1485-1490. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/publicacoes/> Acesso em: 15 mar. 2021.
- LESSA, Orígenes. *A voz dos Poetas*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

- MARTINDALE, Charles. Thinking through reception. In: MARTINDALE, C.; RICHARD, T. *Classics and the uses of reception*. 1ª Edição. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, p. 1-13.
- MELLO, Felipe Aiala de. *Identidades e Espaços: as representações de Cleópatra e do Egito em Vida de Antônio de Plutarco*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Natal, 2019, 275p. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28426>. Acesso em: 15 set. 2022.
- OLIVEIRA, Airan dos Santos Borges de. Quando os deuses visitaram os Sertões: a antiguidade clássica nos cordéis de João Martins de Ataíde. *PHOINIX*, Rio de Janeiro: Mauad, v. 1, n. 26, 2020, p. 140-168.
- OLIVEIRA, Airan dos Santos Borges de; COSTA, Maria da Conceição Silva. Prefácio - Afinal de contas, a História está em Jogo? In: OLIVEIRA, A. S. B.; COSTA, M. C. S. (Org.) *História em Jogo*. 1ª Edição. São João de Meriti, RJ: Desalinho, 2020, p. 12-28.
- OLIVEIRA, Leticia Fernanda da Silva. *De mártir a meretriz: figurações da mulher na Literatura de Cordel (1900-1930)*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Programa de Pós-Graduação em Letras. Assis, 2017, 192p. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/149951>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- PASSUELLO, Victor. A viagem do exército de Nabucodonosor em Judite e a sua relevância na literatura judaica helenística. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 18, 2021, p. 21-39.
- SILVA, Glaydson José da; FUNARI, Pedro Paulo e GARRAFFONI, Renata Senna. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 40, n. 84, 2020, p. 43-66.
- SILVA, Maria Ivoneide da. *Cantoria de Viola Nordestina: narrativas sobre a vida e a performance dos repentistas*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Salvador, 2006, 154p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/29727/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Silva%2C%20Maria%20Ivoneide.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2022.
- TERRA, Rute Souza Lêmos. *Memórias de luta: literatura de folhetos do Nordeste – 1893-1930*. 1ª Edição. São Paulo: Global, 1983.

NOTA

¹ Ao longo dos projetos de pesquisa desenvolvidos entre os anos de 2017 e 2022, além do mapeamento da documentação relacionada à investigação em tela, também foi operacionalizado o inventário de trabalhos acadêmicos, teses e dissertações, que já haviam se dedicado ao estudo dos cordéis na área de História, em particular, e nas Ciências Humanas em geral. Nesse ínterim, nos últimos 20 anos, identificamos centenas de trabalhos que se debruçaram na literatura de folhetos e a articularam ao ensino de História, Ciências, Geografia, Letras e, ainda, Física e Matemática.



Artigo submetido em 15 de setembro de 2022.
Aprovado em 30 de novembro de 2022.